

RESENHA DO LIVRO

DANIEL: INTERPRETAÇÃO, HISTÓRIA E TEOLOGIA

Ezinaldo Ubirajara Pereira*

MASOTTI, Felipe A.; CAVALCANTI, Diogo; MARCON, João Luiz; GUZMAN, Elmer A. (Org.). *Daniel: interpretação, história e teologia*. Tradução de Maria Júlia Galvani e Delmar Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**

Organização: Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 09/06/2025

Aprovado: 16/07/2025

Como citar: PEREIRA, E. U. Resenha do livro *Daniel: interpretação, história e teologia*. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-09, e2006, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2006>

O livro *Daniel: interpretação, história e teologia* é o resultado impresso do XIV Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, realizado nos dias 28 a 30 de abril de 2022 na Faculdade Adventista do Paraná (FAP). Essa obra reúne 19 capítulos que representam as dezenas de palestras que foram ministradas nesse simpósio promovido pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (Salt), em parceria com o curso de Teologia da Faculdade Adventista Paranaense (FAP). O tema do simpósio foi “Daniel: visão e mensagens para o tempo do fim”, tendo no livro

* Doutorando em Teologia do Antigo Testamento pela Universidad Adventista del Plata (UAP). Professor de Hebraico e Antigo Testamento no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Email: ezinaldopereira@gmail.com



bíblico de Daniel a concentração das palestras apresentadas. O livro foi organizado por quatro editores, tendo cada capítulo o seu respectivo autor.

Os 19 capítulos foram distribuídos em cinco seções, as quais representam as quatro áreas da teologia: (1) *teologia bíblica* – dividida nas duas primeiras seções do livro, intituladas: “Seção I – Estudos Bíblicos – Antigo Testamento” e “Seção II – Estudos Bíblicos – Novo Testamento”. Ambas as seções agruparam os 11 primeiros capítulos; (2) *teologia histórica* – indicada pela “Seção III”, com o título “Estudos Históricos”, contendo dois capítulos; (3) *teologia sistemática* – área que foi representada pela “Seção IV – Estudos Sistemáticos”, contendo quatro capítulos; e (4) *teologia aplicada* – “Seção V – Estudos Aplicados”, concluindo o livro com os dois últimos capítulos.

Nas duas primeiras seções (“Estudos Bíblicos – Antigo Testamento” e “Estudos Bíblicos – Novo Testamento”) os temas se destacam por três características: (a) capítulos que abordam temas gerais; (b) capítulos que tratam de temas específicos e (c) capítulos de cunho hermenêutico-exegético.

Sobre os capítulos que abordam temas gerais, enquadram-se os capítulos 1, 8 e 9. O capítulo 1, cujo título é “A relevância do livro de Daniel”, de autoria de Elias Brasil de Souza, faz uma apresentação teológica geral sobre o livro de Daniel, com o objetivo de destacar cinco aspectos do livro: 1) *dimensão literária* – destaque para a estrutura do livro, seus aspectos narrativos e linguísticos e suas interconexões narrativas; 2) *dimensão teológica* – nesse aspecto, o autor enfatizou os temas sobre a Pessoa de Deus, o conflito cósmico, a esperança messiânica e o santuário; 3) *dimensão escatológica* – ressalta a natureza profética de Daniel como sendo de cunho escatológico, tendo o alcance do cumprimento de suas predições ao longo da história, no tempo do fim e alcançando o seu clímax no estabelecimento do reino de Deus por ocasião da segunda vinda de Cristo; 4) *dimensão ética* – elemento notório no testemunho de Daniel e seus companheiros em relação à guarda de lei de Deus e da necessidade de obedecer-lhe; e 5) *dimensão missiológica* – apresenta a influência do testemunho de Daniel e seus companheiros para com os monarcas da época, como também a missão escatológica dos “sábios” dos últimos dias em resplandecer e em conduzir “muitos à justiça” (Dn 12:3).

Os capítulos 8 e 9 também usaram uma abordagem geral do livro, tendo cada um o seu enfoque. O capítulo 8, que recebeu o título “A mensagem escatológica de



Daniel”, de autoria de Merling Alomía, consta de comentários breves de cada capítulo do livro, porém, com destaque maior para o tema da escatologia, realçada entre os capítulos 8–12 de Daniel. Em relação a esses capítulos, Alomía ponderou sobre dois temas: o juízo e o Messias. No capítulo 9 (“Escritos de gênero literário em auxílio à exegese de Daniel”), de Roy Gane, a contribuição concentrou-se na importância de se conhecer o gênero do livro, a fim de facilitar a compreensão hermenêutica de sua mensagem/teologia. O autor lembrou que esse é um requisito básico diante de qualquer livro ou obra literária que o leitor esteja exposto. Conhecendo-se o gênero, saber-se-á qual método interpretativo estará incluso no próprio livro, compreendendo que a Bíblia é a sua própria intérprete.

Sobre os capítulos que abordaram temas específicos, constam os capítulos 3, com o título “No tempo determinado: temporalidade profética cíclica e linearidade história em Daniel 10–12”, de Felipe A. Masotti; o capítulo 10, de Carlos Olivares, intitulado “O livro de Daniel no Novo Testamento: um exame crítico das citações e alusões realizadas na NA28”; e o capítulo 11, de autoria de Leonardo Nunes, cujo título é: “A relação entre Daniel e Lucas-Atos”. No capítulo 3, Masotti se concentrou em analisar como o material de Daniel 10–12 trabalhou com o uso do tempo profético dentro da perspectiva dos próprios profetas bíblicos e cujo material e natureza literária também são compartilhados com Daniel. O seguinte capítulo (10), escrito por Carlos Olivares, encabeça a seção de Novo Testamento, trazendo uma abordagem intrabíblica em analisar todas as citações de Daniel no Novo Testamento, mas com um enfoque analítico da crítica textual, pois o seu objetivo foi ler os textos de Daniel citados no Novo Testamento, averiguando as observações de variantes no aparato crítico da 28ª edição de Nestlé-Aland do Novo Testamento grego. Esse capítulo concentrou-se em avaliar as traduções e tendências nas citações e alusões daniélicas na versão escolhida para o estudo. Já Leonardo Nunes, dando sequência à abordagem intrabíblica, fez um estudo dos textos de Daniel que foram usados no material lucano (Lc–At), tanto de forma citada como em forma de cumprimento. No quesito cumprimento, esse capítulo apresenta uma significativa contribuição exegético-teológica para a profecia de Daniel 9 em relação às “setenta semanas”, visto que o cumprimento dessa profecia alcança o seu estágio final nos textos que Lucas escreveu em Atos 7 e 8.



Os capítulos de cunho hermenêutico-exegético foram aqueles em que seus autores se delimitaram em analisar um único texto daniélico, com o fim de fazer um estudo exegético-temático dos capítulos/versículos selecionados para o estudo. Esses capítulos são: “A visão do juízo celestial de Daniel 7:13-14”, de Jiří Moskala (cap. 2); “O monstro que surge do mar”, de Diogo Cavalcanti (cap. 4); “Os *maskilîm* e os termos-chave de Daniel 11:29–12:12”, de Carlos Mora (cap. 5); ““E o santuário será justificado (*nišdaq*)””: Uma breve análise temática do santuário em Daniel 8 em seus intertextos”, de Eloá Moura Galvão (cap. 6); e “Proposta de contexto tipológico para Daniel 11:40-45”, de Richard M. Davidson (cap. 7). Todos esses autores, em seus respectivos capítulos, preocuparam-se em analisar os textos e temas usando o auxílio da exegese, com análise e comparações de palavras-chaves, dentro da perícope de cada texto anunciado.

Os capítulos da “Seção III” (“Estudos Históricos”), foram escritos por Alberto R. Timm (“Os adventistas do sétimo dia e o livro de Daniel [1844-2024]: breve panorama histórico”) e Jean Carlos Zukowski (“Análise histórica do começo dos 1.260 dias/anos em Daniel 7”).

Alberto Timm (cap. 12), procurou apresentar como os estudos sobre o livro de Daniel se desenvolveram na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), realçando os seus principais expoentes no contexto teológico da denominação. Timm inicia a sua exposição começando com o ano de 1844, justamente por compreender que a IASD tem o seu pioneirismo doutrinário-profético nesse ano, justamente por causa do cumprimento da profecia de Daniel 8:14, que foi um marco divisório para o movimento milerita-adventista que antecedeu 1844. Ainda que, no capítulo, o autor sistematize a sua apresentação depois de 1844, ele apresenta uma breve contextualização sobre o movimento milerita e como a interpretação dos períodos proféticos de Daniel conduziram o movimento para o que iria ocorrer em 1844, condicionando, assim, o surgimento do adventismo sabatista. Depois disso, tendo o ano de 1844 como marca inicial, o autor identifica na história cinco períodos demarcados por suas características interpretativas da IASD para com o livro de Daniel.

O primeiro período inicia em 1844 e vai até 1857, intitulado pelo autor como “Adventismo sabatista inicial”. Nesse período, reestudando o livro de Daniel, os pioneiros adventistas obtiveram conhecimento sobre o santuário celestial e,



consequentemente, as demais crenças que formaram o núcleo base doutrinário da IASD. Entre essas crenças estava o conceito de “juízo investigativo”, ou, como também foi chamado posteriormente, “juízo pré-advento”. O próximo período foi classificado como “A era Uriah Smith (1857-1955)”, pois esse pioneiro adventista se destacou como sendo um dos intérpretes mais proeminentes do livro de Daniel para o período, principalmente ganhando referência denominacional pelo lançamento de uma série de seus artigos no periódico *Review and Herald*, intitulada “Thoughts on the Book of Daniel”, e do seu livro *Thoughts, Critical and Practical, on the Book of Daniel* (1873). Surgiram reações interpretativas contrárias por parte de outros obreiros sobre aspectos interpretativos de Smith a certos textos e símbolos das profecias de Daniel. Essas discussões tomaram espaço na agenda da assembleia da Associação Geral de 1888, ocorrida em Mineápolis (EUA). Certamente que essas questões não foram resolvidas em tal ocasião, continuando a discussão nos anos subsequentes. Esse período se caracteriza por reações adversas dentro do próprio adventismo, algo que também iria continuar nos demais períodos. O terceiro período é marcado pelo lançamento do *Comentário bíblico adventista do sétimo dia* (1955-1978). Com a publicação dessa obra, a IASD procurou disponibilizar aos membros os estudos mais recentes da teologia adventista quanto ao texto bíblico, inclusive sobre o livro de Daniel. A abordagem escolhida no *Comentário* não foi definitiva/absoluta, pois “seguiu uma abordagem mais indefinida, mencionando diferentes pontos de vista, sem necessariamente destacar o mais coerente” (p. 262). O quarto período (“Desafios apotelesmáticos e contribuições acadêmicas [1978-2011]”) foi marcado por crises teológicas em relação à interpretação denominacional sobre o livro de Daniel. Essas crises foram instaladas por interpretações desconexas oriundas de teólogos e líderes reconhecidos e renomados no adventismo. O ápice do período ocorreu diante do desafio vindo do teólogo adventista Desmond Ford e seu argumento do princípio apotelesmático, o qual contrariava a compreensão da denominação diante de um dos principais textos do adventismo, Daniel 8:14. Não demorou para que a resposta viesse por parte de estudiosos e teólogos da denominação, os quais já no início da década de 80 conseguiram responder os pontos de vista de Ford, demonstrando a falácia de seus argumentos. Essa crise resultou em um crescente estudo sobre o livro de Daniel na denominação, enumerando dezenas de publicações em livros, artigos em revistas e além de um crescente número de dissertações e teses



doutorais sobre a área. Certamente que tal produção contribuiu para o interesse denominacional em estudar o livro, resultando em uma compreensão mais afinada de seus pontos bíblicos-doutrinários e proféticos. O quinto e último período corresponde de 2011-2024, intitulado “O debate sobre a teoria islâmica e outras contribuições acadêmicas”. O que caracteriza esse período é um retorno às questões sobre a identidade do “rei do Norte” de Daniel 11 e mais detalhes históricos-interpretativos desse capítulo. Diante de algumas opiniões diversas, houve o surgimento de profícuo material atualizado sobre a última visão do livro (caps 10–12), especificamente do capítulo 11. Nesses dois últimos períodos, o capítulo se destaca pela vasta referência dada por Alberto Timm de livros, artigos, teses e dissertações específicas sobre Daniel, ressaltando que a maioria dessas referências são atualizadas, apresentando como está a discussão atual sobre Daniel dentro do adventismo.

O capítulo escrito por Jean Carlos Zukowski (“Análise histórica do começo dos 1.260 dias/anos em Daniel 7”), procurou apresentar uma sólida base histórica para o início do período mencionado em Daniel 7:25, os “mil e duzentos e sessenta anos”. Assim, Zukowski parte de um texto bíblico para a história, a fim de averiguar e mostrar como que o texto de Daniel, que trata de um evento histórico, alcançou o seu cumprimento exato, principalmente se o seu ponto de início for identificado corretamente. No início do estudo, o autor delinea quais foram as posições sugeridas por “intérpretes mileritas e adventistas” sobre o início dos 1.260 anos. A partir de então, Zukowski desenvolve uma análise exegética de todos os textos de Daniel e Apocalipse que tratam sobre os 1.260 anos com o seu cumprimento na história, concentrando a análise principalmente no que diz respeito ao início do período. O capítulo se destaca pela sua análise acurada da história eclesiástica, diante do cumprimento da profecia de Daniel 7:25.

A seção de número 4 contém quatro capítulos que contemplam os “Estudos Sistemáticos”. Os capítulos 14 e 15 tratam sobre a temática da hermenêutica, porém cada um com sua ênfase. No capítulo 14 (“Escatologia e hermenêutica: reflexões sobre métodos e tendências”), o autor Frank M. Hasel aborda sobre como o tema da escatologia é interpretado dentro de várias vertentes do cristianismo. Primariamente o autor explica quais estudos/temas principais são tratados dentro da escatologia. Ainda que a escatologia seja o estudo referente aos eventos futuros, a hermenêutica



da escatologia vai depender de como os intérpretes entendem os eventos do passado, especialmente a crença sobre a criação, a entrada do pecado e o plano da salvação em Jesus Cristo. O que o autor pretende explicar é que a escatologia acompanha uma linha histórica linear nas Escrituras, sendo que o seu cumprimento final é uma resposta ou continuação do que aconteceu ou se estabeleceu no início, foi respondido e/ou consumado na cruz do Calvário e encontrará o seu desfecho no fim dos tempos. Além desse elemento linear da escatologia, Hasel também reforça que a hermenêutica escatológica segue o padrão bíblico de interpretação profética, principalmente ao se tratar de elementos simbólicos no texto apocalíptico.

O capítulo 15 foi escrito por Roy Graf, com o título “Interpretação apocalíptica entre os pioneiros adventistas: análise, avaliação e implicações para os intérpretes atuais”. O capítulo continua o tema da hermenêutica, porém com um seguimento histórico, analisando qual foi a natureza da interpretação apocalíptica usada pelos pioneiros adventistas, com o fim de avaliar os métodos por eles usados e considerar no que a teologia adventista atual precisa manter ou resgatar de seu primórdio histórico interpretativo. Graf identifica, conclui e destaca três “implicações para os intérpretes adventistas atuais das profecias apocalípticas”: 1) “reavaliar a abordagem sistemática dos pioneiros” — Graf aponta tal abordagem como sendo válida para a teologia atual adventista; 2) fortalecimento de uma “perspectiva exegética” da abordagem sistemática — visto que os pioneiros adventistas mantiveram a Bíblia e somente a Bíblia como a sua única regra de fé, o adventismo atual assim o deve fazer; e 3) consideração histórica — elemento indispensável “para a compreensão de Daniel e Apocalipse”.

O capítulo 16 (“Daniel 10 e o movimento da guerra espiritual: uma avaliação crítica”), escrito por Karl G. Boskamp Ulloa, trouxe à tona o tema do “grande conflito”, realçado em Daniel 10:1 pela expressão צָבָא גָדוֹל (*ṣāḇā gādōl* — “guerra/batalha/conflito grande”) usada única vez nas Escrituras. Karl Boskamp procura corrigir as tendências interpretativas sobre a “guerra espiritual” que circulam pelo meio da teologia evangélica, mostrando que tais interpretações são resultado de visões distorcidas do texto de Daniel 10 por parte de intérpretes que se aproximam do texto com ideias preconcebidas do “mundo espiritual”. A análise feita pelo autor reforça a importância da oração intercessora no contexto do grande conflito, porém observando e corrigindo pontos de vistas evangélicos a respeito do



que se chama “guerra espiritual”. No capítulo seguinte (“O chifre insolente em Daniel 7: análise da contrafação do Messias e do Seu reino no AT”), o autor João Luiz Marcon também faz uma análise contrastante, não de interpretações diferentes sobre determinado assunto, mas apontando um contraste temático entre a natureza do reino blasfemo do “chifre pequeno” e o reino do Messias indicado em Daniel 7. A temática que Marcon abordou é sobre o reino do Messias sendo contrafeito pelo chifre pequeno, como ele mesmo explica que enquanto “os profetas do AT anunciaram a vinda e as obras de redenção do Rei-Messias de YHWH neste mundo, o profeta Daniel denunciou que tal obra sofreria uma contrafação de mentira e engano” (p. 426).

A última seção do livro (“Estudos Aplicados”) é concluída com dois capítulos intitulados “Razões para estudar e compreender o livro de Daniel”, de Adolfo Suárez (cap. 18); e “Daniel: Um paradigma de discipulado escatológico”, de autoria de Walter Alaña H. (cap. 19).

No capítulo 18, Suárez enumera seis motivos pelos quais se deveria estudar e compreender o livro de Daniel. O primeiro é o “Argumento missiológico”, devido ao impulso que o livro concede ao leitor de se manter fiel em seu contexto e testemunhar do nome de Deus, assim como os protagonistas do livro. O próximo motivo é o “Argumento epistemológico”, justamente para que, ao ler e compreender Daniel, o leitor consiga estar convicto de “que a verdade não muda” (p. 436). O terceiro motivo, “Argumento filosófico”, é que essa leitura ajuda a entender a verdadeira filosofia da história, principalmente com a narrativa do grande conflito moldada no livro de Daniel. O próximo motivo é “Argumento relacional”, já que o livro apresenta esse aspecto entre o próprio grupo de jovens hebreus na corte babilônica e o tipo de relação de Daniel para com os monarcas da época. O penúltimo motivo é o “Argumento identitário”. A identidade do remanescente é tipificada pelo exemplo dos fiéis jovens hebreus na seção narrativa do livro (caps. 1–6) e profetizada/fundamentada em sua seção profética (caps. 7–12). O último motivo é o “Argumento espiritual”, pois a leitura e estudo de Daniel fortalece a relação do leitor com Deus.

O último capítulo da seção (cap. 19), escrito por Walter Alaña, é intitulado “Daniel: Um paradigma de discipulado escatológico”. Ao acrescentar a palavra “escatológico” ao título, observa-se que o objetivo de Alaña foi justamente explorar



qual a relação prática do livro de Daniel para com aqueles que estariam vivendo no que foi chamado de “tempo do fim”. Alaña identifica dois exemplos de discipulado: 1) o próprio Daniel e 2) “os sábios” (הַמְּשִׁכִּילִים – *hammaśkîlîm*). Sobre Daniel, o autor destaca que o profeta se torna um modelo de discipulado por sua sabedoria, perseverança em se manter fiel a Deus e por seus hábitos éticos para com Deus e o semelhante. Os “sábios” do “tempo do fim” são caracterizados como aqueles que permanecerão fiéis a Deus, mesmo diante da mais severa perseguição (Dn 11:33, 35), como também terão a responsabilidade e missão de pregação e discipulado por ensinarem “a muitos”, resplandecendo o conhecimento que obtiveram do livro e conduzindo “muitos à justiça” (Dn 12:3, 10).

O conteúdo desses 19 capítulos, agrupados nas cinco seções de *Daniel: interpretação, história e teologia*, se distingue por conter pesquisas atualizadas sobre o livro de Daniel, mesclando o rigor técnico da academia teológica em uma linguagem acessível a todos os que entrarem em contato com o material. A recomendação para a leitura desse livro é imprescindível diante da história da IASD com o livro de Daniel e do entendimento prometido ao estudar o seu conteúdo. Esta recomendação acompanha o mesmo pensamento profetizado no texto, de que “muitos” esquadrihariam o livro de Daniel, justamente por estar “aberto” no preciso “tempo do fim” (Dn 12:3) – tempo no qual a leitura e o estudo de Daniel constituem um fator profundamente necessário!